

INVESTIGAÇÃO SOBRE O USO DE IMAGENS EM PESQUISAS BRASILEIRAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

INVESTIGACIÓN SOBRE EL USO DE IMÁGENES EN LA INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN AMBIENTAL BRASILEÑA

RESEARCH ON THE USE OF IMAGES IN BRAZILIAN ENVIRONMENTAL EDUCATION RESEARCH

Nerielly Elizabeth de Rocco*
nerielly553@gmail.com

Adriana Massê Kataoka**
dri.kataoka@hotmail.com

Ana Lucia Suriani-Affonso**
analuciabio@gmail.com

Rede Estadual de Ensino do Paraná, Guarapuava, Paraná, Brasil.
Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná, Brasil.

Resumo

Vivenciamos constantes questionamentos em relação às nossas interações com o ambiente e, como consequências dessas interações, surgem problemas socioambientais de ordem complexa. A Educação Ambiental (EA) é considerada um campo do conhecimento capaz de problematizar e transformar as relações estabelecidas entre a sociedade e o ambiente. Desta forma, este artigo pretendeu investigar como as imagens são utilizadas e descritas em pesquisas na área de EA no Brasil, durante o período de 2010 a 2020. Realizamos uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório, em três periódicos nacionais, reconhecidos por suas publicações em EA. Os artigos foram analisados em relação à macrotendência de EA, à maneira como a temática foi abordada e ao tipo de pesquisa realizada. No total foram encontrados 36 artigos, que possuíam o predomínio da macrotendência crítica, contextualizavam os problemas socioambientais e caracterizaram uma pesquisa empírica. As imagens mencionadas nos artigos estavam na forma de fotos, figuras, filmes infantis, documentários, desenhos, narrativas, fábulas, entre outros. Os espaços escolares foram os locais mais descritos para a prática de EA e o uso de imagens. Este fato, destaca a importância dos professores no processo educativo, pois ao utilizarem as imagens, tornam-se capazes de mediar as informações, bem como promovem a (re)construção de conhecimentos. Assim, constatamos que o uso de imagens pode ser considerado como uma ferramenta, que oferece vastas potencialidades para o enfrentamento dos problemas socioambientais vivenciados, sendo primordial o aprofundamento teórico sobre o uso correto e crítico deste instrumento.

PALAVRAS CHAVE: Ambiente; Imagens; Problemas socioambientais.

Resumen

Experimentamos constantes cuestionamientos en relación a nuestras interacciones con el entorno y, como consecuencia de estas interacciones, surgen complejos problemas socioambientales. La Educación Ambiental (EA) es considerada un campo de conocimiento capaz de cuestionar y

transformar las relaciones que se establecen entre la sociedad y el medio ambiente. De esta forma, este artículo tuvo como objetivo investigar cómo las imágenes son utilizadas y descritas en investigaciones en el área de EA en Brasil, durante el período de 2010 a 2020. Realizamos una investigación cualitativa, de carácter exploratorio, en tres países revistas, reconocidas por sus publicaciones en AND THE. Los artículos fueron analizados en relación a la macro tendencia de AE, la forma en que fue abordada la temática y el tipo de investigación realizada. En total, se encontraron 36 artículos, que tuvieron predominio de la macro tendencia crítica, contextualizaron problemas socioambientales y caracterizaron una investigación empírica. Las imágenes mencionadas en los artículos fueron en forma de fotos, figuras, películas infantiles, documentales, dibujos, narraciones, fábulas, entre otros. Los espacios escolares fueron los lugares más descritos para la práctica de la EA y el uso de imágenes. Este hecho destaca la importancia de los docentes en el proceso educativo, pues al utilizar imágenes, se vuelven capaces de mediar información, además de promover la (re)construcción del conocimiento. Así, encontramos que el uso de imágenes puede ser considerado como una herramienta, que ofrece un vasto potencial para enfrentar los problemas socioambientales vividos, siendo fundamental la profundización teórica sobre el uso correcto y crítico de este instrumento.

PALABRAS CLAVE: Medioambiente; Imágenes; Problemas socioambientales.

Abstract

We experience constant questioning in relation to our interactions with the environment and, as a consequence of these interactions, complex socio-environmental problems arise. Environmental Education (EE) is considered a field of knowledge capable of questioning and transforming the relationships established between society and the environment. In this way, this article aimed to investigate how images are used and described in research in the area of EE in Brazil, during the period from 2010 to 2020. We carried out a qualitative research, of an exploratory nature, in three national journals, recognized for their publications in AND THE. The articles were analyzed in relation to the macro trend of AE, the way in which the theme was approached and the type of research carried out. In total, 36 articles were found, which had a predominance of critical macro tendency, contextualized socio-environmental problems and characterized an empirical research. The images mentioned in the articles were in the form of photos, figures, children's films, documentaries, drawings, narratives, fables, among others. School spaces were the most described places for the practice of EE and the use of images. This fact highlights the importance of teachers in the educational process, because when using images, they become capable of mediating information, as well as promoting the (re)construction of knowledge. Thus, we found that the use of images can be considered as a tool, which offers vast potential to face the socio-environmental problems experienced, being essential the theoretical deepening on the correct and critical use of this instrument.

KEYWORDS: :Environment; Images; Socio-environmental problems.

1. Introdução

A degradação ambiental é um dos problemas recorrentes em nossa sociedade. Porém, essa condição pode ser compreendida pela forma abusiva e predatória de nos relacionamos com o ambiente que nos cerca. Dentre os principais problemas socioambientais vivenciados, destacam-se: o aumento da produção de resíduos sólidos, o uso excessivo de agrotóxicos, as desigualdades sociais, a crise climática, entre outros; os quais interferem no cotidiano e na dinâmica da sociedade (RUIZ; ZANELLA; FIORI, 2018).

Somados a esses problemas socioambientais, o contexto atual, da Pandemia da Covid-19, e as mudanças climáticas vivenciadas, mostram-nos que a relação estabelecida entre o ser humano e o

ambiente se tornou insustentável, e que, a partir dessa inquietude, somos impulsionados a refletir sobre como a Educação Ambiental (EA) vem sendo praticada em nossos espaços formais e não formais.

Ao analisarmos o cotidiano de uma população, na qual as atitudes de seus componentes são, muitas vezes, enraizadas em crenças e costumes historicamente construídos, podemos identificar obstáculos que precisam ser superados e transformados em prol de uma mudança concreta. De acordo com Maia (2015), devemos ampliar a consciência sobre a condição vivida, hoje, na sociedade, gerando a responsabilidade ética, política, social e humanitária, além de evidenciar os riscos ambientais e suas consequências, bem como refletir sobre essa sociedade consumista, que acaba gerando problemas para si mesma.

Dessa forma, “a modernidade que se propôs a resolver todos os problemas da humanidade não cumpriu com o prometido, gerou-se, assim, uma crise ambiental e mais uma crise societária” (MAIA, 2015, p. 113).

Para Guimarães (2006), é necessário que conheçamos as origens causadoras dos problemas ambientais, visto que não são resultantes da evolução natural do ambiente, mas sim das consequências de intervenções antrópicas no meio.

Acreditamos que o ser humano não possui, unicamente, a face exploradora e degradadora do ambiente, mas, também, potencial para reconstruí-lo e cuidá-lo.

A EA, como campo de conhecimento e processo educativo, pode promover, efetivamente, a emancipação dos sujeitos e a transformação de uma realidade social. Entretanto, para que isso ocorra é necessário que procuremos meios e formas de distribuir, equitativamente, a qualidade de vida, que levará, também, à qualidade ambiental (MAIA, 2015).

Segundo Loureiro (2012), falar em EA crítica ou transformadora é afirmar a educação enquanto práxis social, que contribui para a construção de uma nova sociedade, com novos patamares civis e sociais, na qual a sustentabilidade da vida, da política e da ética sejam o núcleo, ocasionando um crescimento igualitário e justo.

Para tanto, é necessário um novo olhar, não aquele centrado apenas no lucro e na exploração do ser humano pelo próprio ser humano, mas sim, aquele que visa a igualdade de direitos, a autonomia e a autorrealização, atingindo a totalidade do ser humano, vislumbrando-o como um ser dotado de inteligência, ou seja, com vontade de crescer e mudar o mundo pelas lentes da EA (MAIA, 2015).

Dessa forma, a EA permite conhecer a realidade tal qual ela existe, além de nos orientar e contribuir para o estabelecimento de relações de causa e efeito dos processos causadores da degradação do ambiente e da sociedade.

Ao contextualizar o ambiente, a EA também fornece subsídios para as questões socioambientais, na busca por uma transformação da sociedade (MAIA, 2015); e pondera os paradigmas da sociedade e do ser humano, capacitando-os para transformarem suas práticas (GUIMARÃES, 2004). Assim, o desenvolvimento de atividades e projetos de EA potencializam ações coerentes de sustentabilidade ambiental e justiça social contextual, por meio do despertar das diversidades sociais, econômicas, políticas, emocionais e de inteligência dos indivíduos e de suas realidades, superando a dualidade sociedade/natureza (MAIA, 2015).

EA não é, portanto, uma ‘forma’ de educação (uma ‘educação para’...) entre inúmeras outras; não é simplesmente uma ferramenta para a resolução de problemas ou de gestão do meio ambiente. Trata-se de uma dimensão essencial da educação fundamental, que diz respeito a uma esfera de interações que está na base do desenvolvimento pessoal e social (SAUVÉ, 2005, p. 317).

Nota-se que, para praticar a EA, é necessário envolver a sociedade como um todo, para que seja possível alcançar um sistema mais justo, socialmente, e mais sensato, ambientalmente (MAIA, 2015).

Layrargues e Lima (2014) propuseram três macrotendências da EA: a conservadora, a pragmática e a crítica. A primeira, possui como base na Ecologia, afirmando ser necessária a sensibilização de cada

indivíduo para com a natureza, buscando amá-la e protegê-la, e concebendo o ambiente como natureza. A pragmática teve sua origem nos princípios conservadores, porém, com o passar do tempo, passou a focalizar a problemática do lixo urbano e industrial nas cidades, bem como o consumo sustentável, buscando corrigir as imperfeições do meio produtivo, entendendo o ambiente como recurso. A macrotendência crítica, por sua vez, tem como princípio a busca da transformação do mundo, a partir do indivíduo e do coletivo, evidenciando não somente as questões ambientais, mas também as questões socioeconômicas, políticas, históricas e psicológicas.

Para Loureiro (2012), a EA crítica busca a mudança social baseada no diálogo, na cidadania e na formação dos sujeitos, por meio de espaços coletivos que superem as formas de dominação do sistema capitalista, visando a compreensão complexa e total de mundo.

Outro aspecto considerado como de grande relevância na EA crítica é a noção de pertencimento como condição essencial para a formação de uma cidadania planetária, o que é enfatizado por Morin (2003) e reafirmado por Gadotti (2001).

A sensação de se pertencer ao universo não se inicia na idade adulta nem por um ato de razão. Desde a infância, sentimo-nos ligados com algo que é muito maior do que nós. Desde criança nos sentimos profundamente ligados ao universo e nos colocamos diante dele num misto de espanto e respeito. E, durante toda a vida, buscamos respostas ao que somos, de onde viemos, para onde vamos, enfim, qual o sentido da nossa existência. É uma busca incessante e que jamais termina. A educação pode ter um papel nesse processo se colocar questões filosóficas fundamentais, mas também se souber trabalhar ao lado do conhecimento essa nossa capacidade de nos encantar com o universo (GADOTTI, 2001, p. 77).

Dentre os inúmeros meios e recursos didáticos que os educadores ambientais possuem para realizar a compreensão sobre o ambiente, destacam-se as imagens, pois o seu uso contribui para um ambiente mais favorável ao aprendizado, despertando a curiosidade dos sujeitos em relação às diferentes temáticas socioambientais.

As imagens chegam “prontas” à escola (embora disponíveis à interpretação). Questiono a participação dos alunos na sua produção: “Aluno faz foto?”. A Câmera em vez de escorregar furtivamente para as suas mãos, poderia ser oferecida a eles como foco de estudo. Fotografar na escola? Assistimos vídeos, visualizamos slides, apreciamos fotos. Algumas poucas vezes as fazemos, ou melhor, para registrar os eventos, elas são imprescindíveis. Mas, e os alunos, como participam do seu processo de composição, eles compartilham o seu olhar? (FERREIRA, 2012, p. 30).

Em nosso cotidiano estamos imersos em um mundo de imagens, por meio das fotografias, fábulas, narrativas, filmes e propagandas veiculados pelos meios de comunicação. Essa imersão influencia e interfere diretamente em nossa forma de pensar e agir, refletindo nas ações e práticas diárias de nossa sociedade. Dentre os principais espaços que utilizam as imagens como mecanismos de ensino e aprendizagem, destacamos a escola.

Costa (2005) afirma que existem níveis de informações que podem ser remetidos por uma imagem, desde a sua produção até o seu aparato final.

[...] nós, observadores, somos dotados da competência para a leitura de imagens e que é essa competência que faz das imagens unidades coerentes e com sentido. Utilizamos nesse processo não só nosso olhar, mas nossa capacidade de comparação, de fazer analogias e de desenvolver memória visual. Esse processo complexo resulta em inúmeras informações que podem ser organizadas em diferentes níveis: 1. **informações técnicas**: são as informações que nos permitem distinguir uma foto colorida de outra em

branco e preto. Quanto mais conhecemos a respeito do processo fotográfico, mais dados técnicos somos capazes de perceber ou obter; 2. **informações visuais**: são aquelas que dizem respeito à configuração da imagem, ou seja, como ela foi concebida e os critérios estéticos utilizados. Nesse conjunto de dados está a identificação do fotógrafo e da maneira como ele organizou os elementos plásticos da imagem: qual o recorte que ele deu à cena, o que colocou ao centro, como utilizou a iluminação; 3. **informações textuais**: são aquelas que obtemos do assunto tratado e da forma como é tratado; 4. **informações contextuais**: são as informações que dizem respeito a tudo aquilo que se sabe sobre as razões e intenções do fotógrafo ao criar a fotografia (COSTA, 2005, p. 85).

A partir do exposto, compreendemos que o entendimento do ambiente pode ocorrer, tanto por meio de releituras, como por uma redefinição de seu conceito, aceitando-se a complexidade de sua estrutura e fugindo do pragmatismo científico até agora praticado. Assim, para realizar esta pesquisa, indagamos: Em que medida as imagens estão sendo utilizadas em pesquisas na área de EA, desenvolvidas no Brasil?

Assim, o presente estudo avaliou artigos científicos publicados em três periódicos nacionais de EA, a fim de contribuir para uma análise mais aprofundada sobre o uso de imagens neste campo do conhecimento. Nos tópicos seguintes, apresentaremos o procedimento metodológico percorrido para a realização da revisão bibliográfica sobre o uso de imagens em pesquisas de EA no Brasil e destacaremos algumas peculiaridades dos resultados da análise dos artigos pesquisados.

2. Procedimentos Metodológicos

Para a concretização desta pesquisa, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre a temática do uso de imagens em atividades de EA, em três periódicos especializados da área. O trabalho foi caracterizado como pesquisa qualitativa e exploratória, já que Liebscher (1998, p. 671) afirma que esta é apropriada “quando o fenômeno em estudo é complexo, de natureza social e não tende à quantificação”.

A pesquisa qualitativa tem por objetivo uma descrição detalhada dos processos e de opiniões (FLICK, 2013). Consiste em uma estratégia metodológica relacionado às diferentes perspectivas de um determinado fato e busca analisá-lo e compreendê-lo (GODOY, 1995). Segundo Gil (2002), a pesquisa exploratória tem como objetivo conceder maior familiaridade com o problema, visando deixá-lo mais claro ou constituir hipóteses.

Para Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica envolve toda a literatura já publicada relacionada ao tema de estudo, com a finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com toda a publicação sobre o assunto em questão, não se tornando uma repetição do que já foi escrito sobre o tema em pesquisa, mas propiciando uma análise do tema sob uma nova visão, um novo aspecto ou abordagem, aproximando-se de uma visão e conclusão inovadoras.

A partir desse embasamento teórico, foram selecionados três periódicos brasileiros, especializados em EA: a Revista Brasileira de Educação Ambiental (REVBEA), a Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA) e a Revista Pesquisa em Educação Ambiental (REPEA). Estes periódicos foram escolhidos porque se destacam, no âmbito nacional, em relação às pesquisas desenvolvidas sobre EA.

Foram pesquisados o seguinte descritores booleanos nos periódicos selecionados: “EDUCAÇÃO AMBIENTAL” AND “IMAGEM” AND “FOTOGRAFIA”. O intervalo de tempo definido para a realização da pesquisa bibliográfica foi de janeiro de 2010 a janeiro de 2020.

Após a busca dos artigos nos periódicos mencionados, realizamos a leitura de seus resumos e, posteriormente, selecionamos os artigos que efetivamente abordavam o uso de imagens em EA. Nesse momento, foram realizadas as releituras dos artigos, analisando-os de acordo com os descritores: nome do artigo; nome dos autores; ano de publicação; macrotendência da EA predominante (conservadora,

pragmática ou crítica); temática; forma como a imagem foi utilizada (instrumento didático-pedagógico); e tipo de pesquisa realizada (empírica, teórica ou revisão de literatura).

3. Resultados e Discussão

A partir da análise dos artigos sobre o uso de imagens em pesquisas de Educação Ambiental no Brasil, foram selecionadas 36 (trinta e seis) publicações, sendo 6 (seis) da REVBEA, 13 (treze) da REMEA e 17 (dezesete) da REPEA, conforme dispostos nos Quadros 1, 2 e 3.

Quadro 1. Artigos selecionados no periódico Revista Brasileira de Educação Ambiental (REVBEA), sobre o uso de imagens em pesquisas de Educação Ambiental no Brasil.

NOME DO ARTIGO	AUTOR/ANO	MACROTENDÊNCIAS	TEMÁTICA	INSTRUMENTO PEDAGÓGICO	TIPO DE PESQUISA
Educação Ambiental aplicada ao ensino de Geografia para alunos surdos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental	Jean Volnei Fernandes (2016)	Crítica	Valorização da Caatinga e sua biodiversidade	Filme	Empírica
Reflexões sobre a leitura de imagens para atividades de Educação Ambiental	Winnie Gomes da Silva (2017)	Crítica	Crises socioambientais	Fotografias	Teórica
Educomunicação para a gestão das águas: estudo de caso do curso elaboração de spots e manuseio da plataforma Web Rádio Água	Mônica Alves; Jan Alyne Barbosa Prado. Alberto Fonseca (2017)	Crítica	Recursos hídricos Sustentabilidade	Fotografias	Teórica
Educação Ambiental na Caatinga: aprendendo o valor da biodiversidade e seus serviços ecossistêmicos no ensino escolar	Elaine Maria Dos Santos Ribeiro; Regina Lúcia Félix de Aguiar Lima (2018)	Pragmática	Biodiversidade e valorização da Caatinga	Fotografias	Empírica
Utilização de filmes como material didático para ensino e aprendizagem da Educação Ambiental: estudo de caso	Eliana Débora Soares Teixeira et al. (2019)	Crítica	Problemas ambientais (desmatamento, queimadas, poluição, exploração de madeira e acúmulo de lixo)	Filmes e Desenhos	Teórica
Aquecimento global e a Educação Física: a conscientização a partir da corrida de orientação	João Victor De Mello Avelino; Soraya Correa Domingues (2020)	Conservadora/Pragmática	Aquecimento global	Corrida de orientação	Teórica

Quadro 2. Artigos selecionados no periódico Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA), sobre o uso de imagens em pesquisas de Educação Ambiental no Brasil.

NOME DO ARTIGO	AUTOR/ANO	MACROTENDÊNCIAS	TEMÁTICA	INSTRUMENTO PEDAGÓGICO	TIPO DE PESQUISA
Oficina de fotografia como	Tadeu Mattos Farias; Anna	Pragmática	Unidade de conservação, lixo	Fotografia	Empírica

veículo de Educação Ambiental e em saúde: exemplo da Favela do Detran, Natal-RN	Carolina Vidal Matos (2012)		e contaminação		
Pelas lentes das câmeras dos alunos: a fotografia na ressignificação de conceitos geográficos e ambientais	Ires de Oliveira Furtado; Carmem Lúcia Lascano Pinto; Patrícia Mendes Calixto (2012)	Crítica	Geografia e Educação Ambiental	Fotografia	Empírica
O espaço escolar como uma problemática socioambiental	Maria Betânia Ribeiro Torre (2013 /2014)	Crítica	Unidade de conservação e desigualdade socioambiental	Fotografia Anotações de campo	Teórica
Projeto Ecoponto na escola, uma experiência de Educação Ambiental intergeracional em escolas públicas de Palmas – TO	Fernando Afonso Nunes Filho; Neila Barbosa Osório; Chryss Ferreira Macêdo (2016)	Pragmática	Unidade de conservação e lixo	Relatos de experiência e narrativa	Empírica
Quilombo Boqueirão da Arara, Caucaia, Ceará: histórias, memórias e saberes tradicionais	Tânia Gorayeb Sucupira; Cristine Brandenburg; José Gerardo Vasconcelos (2017)	Crítica	Relações sociais e práticas cotidianas no quilombo	Narrativa, memórias, transcrição de falas e fotografia	Empírica
Aprisionando espíritos e fazendo imagens: por uma cosmopolítica das imagens Kaiowá	Iulik Lomba de Farias; Leif Grünewald (2020)	Crítica	Relações sociais Religiosidade	Imagem, filmes, discurso e narrativa	Teórica e Empírica
Educação pela cidade e a formação de professores: mediações fotográficas na apreensão das questões socioambientais	Manuella Teixeira Santos; Elinete Oliveira Raposo; Nadia Magalhães da Silva Freitas (2020)	Crítica	Questões socioambientais	Fotografia	Teórica
Povoar outras terras com imagens	Antônio Carlos Rodrigues de Amorim; Alessandra Aparecida de Melo; Sara Melo (2020)	Crítica	Questões socioambientais	Narrativa	Teórica
Falar é fôlego, obrar é sustança: imagem e visualidade como realidade na política	Karina Alves; Rui Mesquita; Thiago Antunes (2020)	Crítica	Questões socioambientais	Documentário e narrativa	Teórica

No encontro com as imagens, aprender com Artes: máquinas de pensar através da pele na cultura visual	Thiago Ranniery Moreira de Oliveira; Letícia da Silva Ravello (2020)	Crítica	Cultura e ambiente	Fotografias	Teórica
O corpo Trans como corpo-imagem-andarilho: resistência, contestação e desestabilização nos / dos cotidianos escolares	Ana Letícia Vieira; Leonardo Nolasco-Silva (2020)	Crítica	Corpo trans	Fotografia	Empírica
Entre maquinarias e modos de ver e ser vista – a imagem como acontecimento da fada madrinha	Claudia Penalvo; Marcio Caetano; Alexsandro Rodrigues; Nilda Guimarães Alves (2020)	Crítica	Cultura	Documentário	Empírica
Imagens: resistências e criações cotidianas	Nilda Guimarães Alves. Maria da Conceição Silva Soares; Marcio Caetano (2020)	Crítica	Cultura e política	Narrativas	Teórica

Quadro 3. Artigos selecionados no periódico Revista Pesquisa em Educação Ambiental (REPEA), sobre o uso de imagens em pesquisas de Educação Ambiental no Brasil.

NOME DO ARTIGO	AUTOR/ANO	MACROTENDÊNCIAS	TEMÁTICA	INSTRUMENTO PEDAGÓGICO	TIPO DE PESQUISA
A Educação Ambiental: entornos Pós-Modernos	AlikWunder; Erica Speglich; Fabiana Aparecida de Carvalho; Antônio Carlos R. de Amorim (2007)	Crítica	Processos de desnaturalização da pesquisa em Educação Ambiental	Narrativas, experiências, representações culturais e memórias	Teórica
O desenvolvimento sustentável nas imagens do Repórter Eco: o Projeto Barú como modelo	Lucia De Fátima; Estevinho Guido (2007)	Crítica	Sustentabilidade	Documentário	Empírica
Educação e ambiente, entremeios para imagens do humano	Antônio Carlos Amorim (2008)	Crítica	Novo olhar para a biodiversidade	Fotografia	Teórica
Pesquisa em Educação Ambiental e Percepção	Andreia Aparecida Marin (2008)	Crítica	Percepção ambiental nas pesquisas no	Construção social da imagem	Teórica

Ambiental			campo da Educação Ambiental		
O uso da fotografia na Educação Ambiental: tecendo considerações	Larissa Souza Da Silveira; Josineide Vieira Alves (2008)	Crítica	Intervenção do ser humano na natureza	Fotografia	Teórica
Pesquisa sobre Educação Ambiental no contexto escolar: a imersão nos ambientes educativos	Lucia De Fátima Estevinho Guido; Melchior José Tavares Júnior (2009)	Crítica	Ambiente escolar e Educação Ambiental	Fotografia	Teórica e Empírica
Os temas controversos na Educação Ambiental	Pedro Rocha Dos Reis (2009)	Crítica	Impactos ambientais e sociais	Imagem da Ciência em sala de aula	Empírica
Uso de mapas mentais nas representações perceptivas de alunos do ensino fundamental do Município de Ilha Grande, Piauí, Brasil: o caso do Jacaré (<i>Caiman Crocodilus</i>)	Roberta Rocha Da Silva-Leite; Zilca Campos; Paulo Augusto Zaitune Pamplin (2010)	Conservadora	Conservação de espécies animais	Figuras do jacaré	Empírica
A invenção de dispositivos pedagógicos sobre o ambiente	Leandro Belinaso Guimarães (2010)	Pragmática	Conservação ambiental	Fotografia	Empírica
Imagens a fabular ambientes: desejos, perambulações, fugas, convites	Elenise Cristina Pires de Andrade; Érica Speglich (2011)	Crítica	Problemas socioambientais	Fotografia, escrita e fábula	Teórica
Os estudos biográficos como contributo metodológico para o campo Educativo-Ambiental: reflexões a partir de uma experiência investigativa com famílias assentadas no Rio Grande do Sul, Brasil	Marcelo Gules Borges; Marília Andrade Torales; Teresinha Guerra (2011)	Crítica	Assentamentos rurais	Visão e descrição de relato de vida	Teórica
Império da natureza, nomadismo ambiental: pedagogias culturais nas fotografias da Revista <i>National Geographic</i> Brasil	Thiago Ranniery Moreira de Oliveira; Rodrigo Michell dos Santos Araújo (2012)	Crítica	Fotografias da Revista <i>National Geographic</i> Brasil	Fotografias	Teórica

Discursos heróicos: representação hegemônica nos audiovisuais socioambientais	Cecília Maria Pinto do Nascimento; Maria Das Mercês Navarro Vasconcellos; Maurício Compian (2015)	Crítica	Problemas socioambientais locais/globais	Arte e filme	Teórica
O discurso sobre sustentabilidade e os desafios ambientais na Revista Nova Escola: notas para reflexão	Lucélia Bárbara Moraes Hortêncio; Iara Vieira Guimarães (2015)	Crítica/Pragmática	Desenvolvimento sustentável	Fotografia, textos (análise documental)	Teórica
Cinema e Educação Ambiental: a experiência do ambiente fílmico como alternativa para a sensibilização ecológica	Rodrigo Avila Colla (2019)	Crítica	Meio ambiente, visão e sensibilização humana	Cinema e filme	Teórica
Educação Ambiental não formal: a experiência dos parques urbanos de Goiânia	Ariana Cárita de Assis Marinho; Leandro Oliveira Gonçalves (2020)	Crítica	Questões socioambientais (políticas públicas e percepção ambiental)	Narrativas	Teórica
Percepções e representações socioambientais de estudantes brasileiros e portugueses sobre o meio ambiente evidenciadas em desenhos	Gilivã Antonio Fridrich et al. (2020)	Crítica	Problemas atuais antrópicos	Desenho	Teórica e Empírica

Nos três periódicos analisados houve predomínio da macro Tendência crítica, sendo que o maior número de artigos nesse viés ocorreu na REPEA, com 14 (quatorze) artigos nesse aspecto. O artigo intitulado “Reflexões sobre a leitura de imagens para atividades de Educação Ambiental”, de Silva (2017), disponível na REVBEA, elucida alguns trechos que caracterizam esta classificação:

Assim, as pessoas podem ler, tanto um livro, como uma figura, uma fotografia, uma obra de arte, uma música, um gesto, uma peça de teatro ou qualquer outra coisa. Pois o homem interage com o mundo lendo e escrevendo nas mais diversas linguagens existentes, recriando-as e, por isto mesmo, multiplicando-as cada vez mais rapidamente. Como parte deste processo, a produção de sentidos e significados está presente nesta relação entre espectador/leitor e imagem (SILVA, 2017, p. 52).

A autora relata, ainda, que desenvolver a temática da EA em conjunto com imagens e leituras é um desafio para o educador ambiental, pois visa a mudança, a criticidade, a sensibilização ambiental, o conhecimento e, acima de tudo, promove mudanças nas ações comportamentais e psicossociais dos indivíduos, o que vem de encontro ao que preceituam os demais artigos analisados nessa macro Tendência.

Para ampliar essa reflexão no âmbito da REMEA, no artigo “Educação pela cidade e a formação de professores: mediações fotográficas na apreensão das questões socioambientais”, Santos, Raposo e Freitas (2020, p. 252) afirmam: “Entendemos que o homem, enquanto agente social de transformação, não pode mais pensar que suas ações sobre a natureza não terão nenhuma consequência, já que [...] a natureza não é uma mãe natureza que está sempre pronta a nos perdoar dos erros cometidos contra ela”.

Na REPEA também podemos citar trechos de artigos que vem ao encontro do pensamento crítico, como no artigo “Discursos heróicos: representação hegemônica nos audiovisuais socioambientais”, de Nascimento, Vasconcellos e Compiani (2015), o qual destaca que as ações educativas de EA propostas e desenvolvidas por um educador devem sempre buscar promover uma reflexão sobre o tipo de ideologia que criticamos em relação a que queremos, viabilizando uma avaliação. Para os autores, é indispensável o entendimento de que para a sociedade ser sustentável e crescer é preciso combater a ideologia de que as soluções dos problemas socioambientais devem ser buscadas apenas com mudanças nos comportamentos da vida privada dos indivíduos ou de determinados grupos. O educador de EA é peça chave nesse processo, devendo sempre contextualizar cada ação educativa, no que diz respeito às relações sociais estabelecidas junto aos educandos, e, também, estimular o seu engajamento, enquanto ser social e constituinte de um coletivo.

O artigo de Hortêncio e Guimarães (2015), denominado “O discurso sobre sustentabilidade e os desafios ambientais na Revista Nova Escola: notas para reflexão”, do mesmo periódico, ratifica a ideia de Nascimento, Vasconcellos e Compiani (2015), quando defendem que a “Educação é um sistema e dele participam diversos agentes responsáveis pela formação de indivíduos críticos e autônomos, ativos na construção social e na preservação do meio ambiente, fator integrante e essencial para o bem-estar social coletivo” (HORTÊNCIO; GUIMARÃES, 2015, p. 68).

Verificamos, portanto, a predominância da macrotendência crítica nos artigos analisados, o que revela que a maioria das pesquisas em EA publicadas são pautadas na legislação pertinente (BRASIL, 2012, artigos 12 e 17), a qual determina que a EA deve articular a “abordagem de uma perspectiva crítica e transformadora dos desafios ambientais a serem enfrentados pelas atuais e futuras gerações, nas dimensões locais, regionais, nacionais e globais”, bem como promover “ações pedagógicas que permitam aos sujeitos a compreensão crítica da dimensão ética e política das questões socioambientais, situadas tanto na esfera individual, como na esfera pública”. Dickmann (2010) afirma que num cenário de desconstrução e construção de indivíduos críticos, unidos à ética, o local em que moramos, as referências, o entorno e os conhecimentos preexistentes precisam ser valorizados, pois existe uma interdependência entre o ser humano e o ambiente.

Todos os artigos mostraram que a aproximação entre as imagens e a EA é pertinente, objetivando-se contextualizar, sensibilizar e ampliar a reflexão sobre as problemáticas socioambientais. As temáticas mais observadas nos artigos dos três periódicos foram as relacionadas aos problemas socioambientais, advindos da degradação ambiental e das relações estabelecidas entre o ser humano e o ambiente.

Nesses artigos, constatamos que as imagens foram utilizadas de diversas maneiras, ora com uma visão do ambiente despovoado, natural; ora como local degradado e descuidado; e ora como um ambiente que integra diferentes formas de vida. Em relação aos instrumentos pedagógicos empregados, podemos destacar o uso de imagens na forma de fotos, figuras, filmes infantis, documentários, desenhos, narrativas, fábulas, entre outros. Os tipos de pesquisas predominantes foram as teóricas, seguidas pelas empíricas e, por último, as teóricas e empíricas; fato que alerta sobre a necessidade de se reunir todas as informações existentes sobre um fenômeno, mas, também, de ancorá-las e comprová-las no plano da experiência.

Dentre todos os artigos avaliados, 14 (quatorze) propuseram o uso de imagens em atividades de EA nos espaços escolares. As experiências descritas com as imagens, sejam em forma de filmes, animações, fotografias ou desenhos, nas propostas pedagógicas dos educadores, mostraram-se ricas, principalmente quando pretendiam aproximar os indivíduos e o ambiente, provendo informações distintas sobre as problemáticas socioambientais e buscando uma transformação social. As imagens

utilizadas no contexto escolar confirmam as inúmeras possibilidades existentes em relação aos instrumentos didáticos e às metodologias diferenciadas que o educador possui, pois, a partir das imagens, pode-se efetivamente ocorrer um processo educativo.

Para Lobino (2013):

[...] os educadores são, ou deveriam ser vistos como intelectuais que, mediante o papel que desempenham na sociedade, teriam possibilidade de contribuir para a manutenção, consolidação ou modificação das estruturas hegemônicas dominantes. Nesse sentido, sua prática pedagógica precisa ser adubada pela ação/reflexão (LOBINO, 2013, p. 53).

Costa (2005) afirma que:

[...] nós, observadores, somos dotados da competência para a leitura de imagens e que é essa competência que faz das imagens unidades coerentes e com sentido. Utilizamos nesse processo não só nosso olhar, mas nossa capacidade de comparação, de fazer analogias e de desenvolver memória visual (COSTA, 2005, p. 85).

O ser humano é repleto de sentidos e pensamentos e a nossa visão se configura em uma janela aberta de sentimentos, que abre a imaginação para inúmeras emoções guardadas em nosso inconsciente. Ao utilizar as imagens para retratar diversas informações, o educador proporciona que o educando explore esses sentimentos e exponha as distintas maneiras do seu modo de pensar e agir, como menciona Freire (1996):

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária. (FREIRE, 1996, p. 17).

Para tanto, o uso de uma imagem, de forma crítica, provoca no educando uma explosão de curiosidade, conhecimentos e ações, levando-o a pensar e empregar a imagem a seu favor, em seu desenvolvimento e no da sociedade.

Guimarães (1995) nos afirma que, ao pensar a prática da EA, devemos valorizar o educando como um ser participativo e criativo, para que se possa ampliar o seu pensamento e a sua ação. Para isso, o educador necessita criar práticas pedagógicas ousadas, que visem expandir os horizontes e a criticidade dos educandos, transformando os hábitos diários de seu cotidiano e construindo uma nova relação entre o ser humano, a sociedade e a natureza.

Dentre as diversas temáticas abordadas nos artigos, ao constante no trabalho de Vieira e Nolasco-Silva (2020), disponível na REMEA, sobre o corpo trans, chamou-nos atenção, haja vista que o artigo utiliza cenas para se pensar sobre o corpo e promove uma reflexão sobre as questões de gênero. De acordo com os autores, o artigo aponta:

[...] como os corpos trans e suas experiências provocam deslocamentos, fissuras e subversões na ordem dos gêneros, na produção dos corpos e nas práticas educativas cotidianas desestabilizando as bases dominantes do pensamento, potencializando a exploração do novo, a produção de diferenças e a criação de novas estéticas de existência informadas pelo desejo e livres da normalização dos corpos e da formatação da vida (VIEIRA; NOLASCO-SILVA, 2020, p. 187).

O uso de imagens em ações de EA pode ser considerado como uma prática renovadora da sociedade, a partir das mudanças das relações interpessoais e com o ambiente, o que pode obter uma

força de transformação social, que tem como base o fortalecimento do indivíduo como pessoa, ciente de seus direitos, de sua cidadania e de seus deveres políticos (FREIRE, 1987). Porém, Santos (1997) assegura que para a EA ser transformadora também é necessário repensar as relações da sociedade.

Assim, consideramos que a EA deve ser mais problematizada pelos educadores, conduzindo a discussões menos ingênuas em relação aos caminhos e descaminhos que fornece. Salientamos, também, a importância da inserção da EA na formação dos indivíduos, principalmente no que diz respeito à construção de uma consciência altruísta, reflexiva e crítica. As imagens auxiliam neste processo educativo, entretanto, o interlocutor da ação, muitas vezes constituído pelo educador, é essencial para que o processo se concretize de forma contextualizada e crítica.

4. Considerações Finais

Após as leituras e análises dos artigos selecionados, identificamos que as imagens se constituem como formas dinâmicas e efetivas de comunicação entre os povos e que são instrumentos propícios para a realização de ações de EA.

Cada ser humano possui uma maneira de se expressar e quando se faz a opção pelo uso de imagens, adversidades como línguas, crenças e culturas podem ser minimizadas. A partir do momento que é possível ler uma imagem, esta se torna algo coerente e com sentido. Além disso, as imagens são capazes de contextualizar, sensibilizar e provocar reflexões sobre os diferentes problemas socioambientais vivenciados, abordando-os não apenas como problemas naturais, mas elucidando aspectos sociais, políticos, históricos e culturais que provocaram.

Destacamos a existência de inúmeros artigos que aproximam o uso de imagens às diferentes áreas de conhecimento e que relatos de experiências práticas e reflexões teóricas foram registradas nas pesquisas de EA desenvolvidas em nosso país.

A maioria das pesquisas possui um viés crítico da EA e as imagens foram utilizadas na forma de fotos, figuras, filmes infantis, documentários, desenhos, narrativas, fábulas, entre outros. Os espaços escolares foram os locais nos quais essa estratégia foi mais empregada.

Diante disso, salientamos que toda ação educativa precisa ser orientada e guiada por um educador capaz de revelar diferentes concepções e visões de mundo, para que, se necessário, exista uma desconstrução e a construção de um novo pensamento. Essas ações devem ser sempre pautadas por trocas de conhecimentos (educador e educandos), visando uma formação cidadã crítica, reflexiva e transformadora.

É primordial, portanto, um aprofundamento teórico para o uso correto e crítico de imagens como instrumento didático no ambiente escolar. Vale ressaltar, nesse sentido, que este levantamento foi realizado somente sobre as pesquisas desenvolvidas em EA, mas que, infelizmente, na maioria das vezes, os educadores das escolas não publicam artigos relatando as experiências desenvolvidas em sala de aula, o que seria importante para um diagnóstico profundo sobre o uso da imagem como ferramenta no ensino de Educação Ambiental no Brasil.

A contextualização desses conhecimentos, por meio de uma imagem, pode fazer com que o educando se torne mais ativo no processo educativo, transformando-se em protagonista do novo pensar, agir e transformar de sua realidade e da sociedade.

5. Referências

BRASIL. **Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Ambiental.** Resolução CNE/CP nº 02, 2012.

COSTA, C. **Educação, imagem e mídias.** São Paulo: Cortez, 2005.

- DICKMANN, I. **Contribuições do Pensamento Pedagógico de Paulo Freire para a Educação Socioambiental a partir da Obra Pedagogia da Autonomia**. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- FERREIRA, A. B. **Aluno faz foto? O fotografar na escola** (especial). 2012. 167 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 2012.
- FLICK, U. **Introdução a metodologia de pesquisa/Um guia para iniciantes**. Editora Penso, São Paulo, 2013.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra: Ecopedagogia e educação sustentável**. 6 ed. Editora Petrópolis, São Paulo. 2001.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai/jun, 1995.
- GUIMARÃES, M. **A Dimensão Ambiental Na Educação**. Campinas, Sp: Papyrus, 1995 (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico. 1995).
- GUIMARÃES, M. **Caminhos da Educação Ambiental da forma à ação**. 4º ed. São Paulo: Papyrus. 2006.
- HORTÊNCIO, L. B. M.; GUIMARÃES, I. V. G. O discurso sobre sustentabilidade e os desafios ambientais na revista Nova Escola: notas para reflexão. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 10, n. 2, p. 63-77, 2015.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. Editora Atlas, São Paulo, 2003.
- LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. C. As macro-tendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 23-40. 2014.
- LIEBSCHER, P. Quantity with quality? Teaching quantitative and qualitative methods in a LIS Master's program. **Library Trends**, v. 46, n. 4, p. 668-680, 1998.
- LOBINO, M. G. F. **A práxis ambiental educativa: diálogo entre diferentes saberes**. 2ª ed. Editora EDUFES, Vitória. 2013.
- LOUREIRO, C. B. **Trajétoria e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez. 2012.
- MAIA, J. S. S. **Educação Ambiental Crítica e formação de Professores**, 1ª ed. Editora Appris, Curitiba. 2015.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8ª ed. Editora Cortez, Brasília/UNESCO, 2003.

NASCIMENTO, C. M. P.; VASCONCELLOS, M. M. N.; COMPIANI, M. Discursos heroicos: representação hegemônica nos audiovisuais socioambientais. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 10, n. 1, p. 9-31, 2015.

RUIZ, C. M.; ZANELLA, M.; FIORI, S. Um levantamento bibliográfico sobre educação ambiental na Formação de professores dos anos iniciais do ensino Fundamental. **Revista Valore**, v. 3, n. 1, p. 508-521, Jan./Jun. 2018.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. Editora HUCITEC, São Paulo. 1997.

SANTOS, M. T.; RAPOSO, E. O.; FREITAS, N. M. S. Educação pela cidade e a formação de professores: mediações fotográficas na apreensão das questões socioambientais. **Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental**, v. 37, n. 3, p. 241–262. 2020.

SAUVÉ, L. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 2, p. 317-322, 2005.

SILVA, W. G. Reflexões sobre a leitura de imagens para atividades de Educação Ambiental. **Revista Brasileira De Educação Ambiental**, v. 12, n. 4, p. 44–59. 2017.

VIEIRA, A. L; NOLASCO-SILVA, L. O corpo trans como corpo-imagem-andarilho: resistência, contestação e desestabilização nos / dos cotidianos escolares. **Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental**, v. 37, n. 2, p. 172–189. 2020.

Recebido em: 04-05-2022

Aceito em: 15-03-2023

Endereço para correspondência:

Nome Nerielly Elizabeth de Rocco
email nerielly553@gmail.com



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)